

OS MOVIMENTOS DE SAMBA NA CIDADE DE SÃO PAULO: ESPAÇOS DE RESISTÊNCIA E DE ESPERANÇA

Alessandro Dozena
(Doutorando em Geografia Humana -Bolsista Fapesp
Universidade de São Paulo – Brasil
Pesquisador Visitante -Universidade de Barcelona – Espanha
sandozena@usp.br)

1. Introdução

É necessário abriremo-nos a outras soluções fundadas no tripé: território, cotidiano e culturas. Gente reunida é produtora de economia, criando, conjuntamente, economia e cultura. E sendo produtora de cultura, também é produtora de política. O país “de baixo” é uma fábrica de manifestações genuínas, representativas, autênticas. É aí que se concentra a riqueza da improvisação. Essas formas espontâneas, ou quase, tanto são alimentadas das tradições quanto das inovações. Esse mundo dos homens lentos é que lhes permite fruir, gozar, ampliar a cultura territorializada, onde se dá a fusão entre tempo e lugar, como expressão da vida em comunhão, na solidariedade e na emoção. Milton Santos (2005, p.36). Principalmente após a década de 90 a cidade de São Paulo tem passado por uma “onda revitalizadora” configurada por movimentos de samba que buscam resgatar as “raízes” do samba e propiciar um reencontro com os sambistas do passado, que deixaram sua contribuição em músicas muitas vezes ainda desconhecidas pelos próprios sambistas:

Estes movimentos são formados por uma garotada na sua maior parte (...) querendo voltar às suas origens pois só cantam samba de raiz, não cantam samba de moda (...) Cantam sambas de compositores lá de baixo entendeu ? (...) E isto para nós é muito bom, porque está se resgatando muita coisa (...) Ao invés desses meninos virem para a escola de samba eles fazem um samba lá para eles (...) Isso é muito legal, pois é um outro atrativo (...) (Penteado, entrevista realizada em 24/10/2007) .

O estudo desses movimentos de samba pode revelar aspectos importantes com relação ao cotidiano e modos de vida da comunidade envolvida, bem como às apropriações territoriais que permitem as conquistas de maiores direitos na cidade. Embora cada um deles guarde peculiaridades, todos se desenvolvem em estratégias e mecanismos coletivos, motivados por sentimentos de amizade e de esperança. Além disso, o samba atua como referencial ético e moral, capaz de amparar os sambistas diante da realidade social por vezes excludente:

O que acontece com os movimentos de samba em São Paulo não é um fenômeno pois o samba não está ressurgindo, ele sempre esteve presente (...) Esses movimentos estão desenvolvendo atividades nas comunidades pois esta é uma forma de se fazer algo com um viés mais organizado, politizado, onde se pode não só cantar os sambas mas também politizar as pessoas que ali estão (...) O samba destes movimentos apresenta uma conotação diferenciada dos outros movimentos de outros lugares do Brasil, ele tem essa coisa de militância, de politização do sambista, fazendo com que ele fique mais bem informado das coisas (...) Há hoje uma maior conscientização acerca da importância de se estimar o samba como ele deve ser estimado (...) (Kaçula, entrevista realizada em 18/10/2007).

A apropriação simbólica de espaços públicos, praças, lajes de casas particulares, quadras de escolas de samba, fundos de quintal, terrenos embaixo de pontes; age, com efeito, como remediador da falta de espaços para as manifestações culturais e o lazer na cidade. Estas diligências mudam a natureza da escassez de espaços e organizam práticas sociais que ensinam cidadania a partir dos diferentes usos territoriais, pois é no uso dos territórios que tais espaços ganham significado:

Quais são as oportunidades culturais que existem na periferia ? O que o poder público fornece em Parelheiros, Cidade Tiradentes, Vila Brasilândia ? (...) É a mobilização dos agentes culturais, das pessoas que estão envolvidas com a cultura que desenvolve alguma atividade e agrega pessoas (...) Desde aquela que tem um emprego e uma casa, até a que está desempregada (...) (Kaçula, entrevista realizada em 18/10/2007).

2. A resistência esperançosa

Os movimentos de samba revelam significados que se tornam mais complexos quando focalizados nos fins expressos na existência de cada um deles. É nesta relação com os lugares que os sambistas se transformam em “usuários do espaço”, utilizando-se do imaginário que têm do lugar, do grupo ou de si mesmos. Neste sentido, este imaginário evidencia-se em representações que emergem como o alicerce de suas práticas e discursos e está plasmado no contexto dos lugares em que atuam.

Como resultados desses processos, são fomentadas práticas sócio-espaciais mediadas por costumes e tradições do “mundo do samba”³, muitas vezes herdadas dos pais e parentes. Assim sendo, a partir do samba e de sua própria história familiar tecida nos diversos bairros da cidade, os sambistas constituem seus referenciais de identidade e de pertencimento. Para Selito e Kaçula, movimentos como o Samba da Vela, Samba da Laje, Samba da Tenda, Samba da Rua e Samba do Baú surgiram em virtude de não haver mais espaço para o

contato com as composições mais antigas dentro das escolas de samba:

Hoje, nas escolas de samba do Grupo Especial, não se tem mais espaço para as atividades que se enquadrem fora da lógica empresarial voltada ao carnaval (...) (Selito, Samba à Paulista, 2007, parte III, 46'34").

Os movimentos de samba surgiram principalmente após a década de 90, muito por conta da ausência das entidades que deveriam estar fazendo este papel, que são as escolas de samba (...) A maioria delas não abre para a comunidade, para os compositores, para as pessoas desenvolverem as suas atividades musicais e culturais (...) As composições tratam do cotidiano, algumas fazem crítica social, ou falam das dificuldades do dia-a-dia, ou ainda exaltam alguma coisa, como uma mulher ou um mestre-compositor (...) No Rio de Janeiro existem vários projetos sociais, existe um museu das escolas de samba, onde a pessoa pode ir e conhecer a história da própria escola (...) O que me deixa às vezes p. da vida é que as escolas de samba de São Paulo copiam somente o que não presta do Rio de Janeiro, ao invés de exemplos positivos como o projeto social da Mangueira (...) Aqui não se estimula o desenvolvimento de projetos que agreguem a comunidade (...) Se a minha escola de samba estivesse aberta diariamente, o ano todo, eu estaria lá compondo sambas novos, exaltando a escola, fazendo um angu, um peixe frito, interagindo com os outros compositores (...) (Kaçula, entrevista realizada em 18/10/2007).

Embora esta situação de vinculação à dinâmica de mercado e de falta de projetos que agreguem a comunidade faça parte das escolas de samba, existem atividades diferenciadas em algumas delas. Este é o caso do “Cantinho da Peruche”, evento realizado todas as segundas-feiras à noite na Escola de Samba Unidos do Peruche. Mais do que uma roda de samba, trata-se de um momento de encontro entre os integrantes da escola e a ala dos compositores, responsável pela pretendida preservação da tradição. A faixa etária média dos frequentadores está acima dos 40 anos, demonstrando a importância da “velha guarda” para a escola. Por cerca de três horas, as músicas de antigos compositores são tocadas e cantadas pelos participantes:

O que fazemos aqui é um movimento de preservação do samba de raiz, que também acaba servindo como uma espécie de laboratório para os sambas que poderão ser enredo no próximo carnaval (...) (Tobias, entrevista realizada em 22/11/2006).



Figura 1 – Foto Cantinho da Peruche
(Fonte: Alessandro Dozena, nov. de 2006)

Outro exemplo desta arregimentação voltada à busca da tradição e que alcançou certo destaque na mídia é o projeto Samba da Vela. Trata-se de um encontro de sambistas na região sul da cidade, especificamente em um Centro Cultural situado nas imediações do Largo Treze de Maio, no bairro de Santo Amaro. Magnu Souza, um de seus fundadores, explica:

O Samba da Vela é um movimento coletivo onde um canta o samba do outro. É um resgate da memória dos sambistas, pois não podemos deixá-la morrer (...) Está na hora de São Paulo aceitar os seus filhos do samba, o que nós estamos representando (...) O samba não parou com a morte de Geraldo Filme e Adoniran Barbosa, pois existe a nova geração (...) (Magnu Souza, Samba à Paulista, 2007, parte III, 36'34").



Figura 2 – Foto Samba da Vela

(Fonte: Alessandro Dozena, out. de 2007)

O Samba da Vela atrai partícipes de diversas procedências e idades, valorizando em seus encontros a improvisação e a espontaneidade, visto que as composições que são cantadas na roda de samba são ao mesmo tempo “corrigidas” e incluídas em um caderno de composições da comunidade:

A gente não imaginava que seria dessa maneira (...) No começo só pensamos em fazer alguma coisa para a Zona Sul, um lugar que sempre teve fama de não ter sambistas, mas só vagabundo e violência (...) (Magnu Souza)⁴

Mais do que uma reunião de sambistas, o Samba da Vela impressiona pelo caráter ritualístico que possui, em muito inspirado pela vela acesa e colocada ao centro da mesa. Neste ambiente não há espaço para as bebidas alcoólicas, pois as composições devem ser escutadas com muita atenção:

Nossa idéia era montar uma roda de samba de raiz para cantar Cartola, Nelson Cavaquinho e coisas assim (...) Mas no dia da primeira reunião começamos a mostrar músicas inéditas um para o outro e fomos até as três da manhã (...) Assim decidimos fazer uma roda de samba só com músicas inéditas (...) (Chapinha, Ibidem).

A vela colocada ao centro da mesa funciona como elemento demarcador do tempo de duração do evento, conforme explica um dos fundadores do movimento e o responsável pela idéia da vela ao centro da roda:

Eu estava preocupado com o horário porque as pessoas precisam trabalhar na terça-feira (...) Como uma vela dura mais ou menos duas horas e meia, terminamos por volta das 23h, sem aquela história de ficar pedindo mais uma saideira (...) Nas segundas-feiras, as pessoas vêm aqui para cultivar o samba tradicional, não só para se divertir (...) O Samba da Vela já se tornou um pólo cultural (...) (Paquera, Ibidem).

O ritual é bem expresso pela frase presente nos compact disc (cds) gerados a partir dos

encontros: “Que a vela ilumine nossas composições”. Mais do que iluminar, a cor da vela expressa uma orientação para cada roda de samba. A vela cor-de-rosa é posta quando são apresentados os sambas inéditos, a azul quando estes são reapresentados no mês seguinte e a branca quando são cantados sambas reconhecidos pela comunidade; muitos deles criados nos encontros anteriores. Abaixo reproduzimos uma composição que expressa a essência do movimento Samba da Vela:

Samba da Vela
(Magno de Souza e Maurílio de Oliveira)

A Vela é um reduto de aprendizes
Procedentes de várias matizes
Em seu modo de pensar
Às vezes surgem uns com vaidade
Despertando disparate
Sem saber o que se passa no lugar
Outros reclamam insanamente
E se perguntam
Porque não podem conversar
E respondemos tão francamente

Samba da Vela
É pra quem gosta de escutar
Se não for bom
A intenção é o que convém
Estamos fazendo história
Sem falar mal de ninguém

O Samba da Vela propicia momentos de encontro entre o passado e o presente, entre sambistas e não sambistas, entre moradores locais ou não. Nesse sentido, concordamos com a idéia de Da Matta e percebemos o Samba da Vela como um ritual que toca memórias e representações muito profundas:

É como se o domínio do ritual constituísse uma região privilegiada para se penetrar no “coração cultural” de uma sociedade, ou seja, no seu sistema de valores, uma vez que o rito permite tomar consciência de certas cristalizações sociais mais profundas (Da Matta, 1979, p. 29).

Outro movimento de samba que merece destaque é a Rua do Samba Paulista, que acontece em todo último sábado do mês na Rua General Osório, no bairro de Santa Ifigênia, região central de São Paulo. Neste caso, a roda de samba acontece a “céu aberto” e ao contrário do Samba da Vela, valoriza exclusivamente as composições antigas. Um dos seus organizadores e importante sambista da “nova geração” explica:

O projeto Rua do Samba Paulista cresceu muito a partir do início que foi dentro da loja de instrumentos musicais Contemporânea, cantando e contando a história do samba com aproximadamente 30 pessoas, dando vários informes e sempre trazendo a idéia da importância da preservação do samba e da valorização dos sambistas, também estimulando novos compositores (...) Hoje reunimos aproximadamente 4000 pessoas (...) Quem vai até lá pensa que aquilo é uma balada, um ponto de encontro, mas a todo o momento colocamos que aquilo é um movimento cultural e político, dizendo que estamos ocupando uma rua pública, algo que há 40 anos atrás era uma utopia (...) Três crioulos fazendo samba apanhavam e iam para a cadeia (...) Por isso valorizamos o pessoal da velha guarda, porque eles apanharam, eles resistiram e começaram tudo (...) Hoje fazemos tudo graças a eles, a gente nunca esquece isto (...) Há renovação, mas não há presente e futuro sem passado, por isso reverenciamos a velha guarda (...) Não posso dizer isto de todas as comunidades, pois não frequento todas, mas nas que eu conheço, há esta preocupação com a politização (...) (Kaçula, entrevista realizada em 18/10/2007).



Figura 3 – Foto Projeto Rua do Samba Paulista

Fonte: Alessandro Dozena, fev. de 2007

Além de organizar a Rua do Samba Paulista, Kaçula comandou a gravação do compact disc (cd) “Memórias do Samba”. Com o apoio da organização não-governamental (ONG) Sambatá, foram gravados doze discos agregando membros da Velha Guarda do Samba Paulista. Existe a intenção clara, também no caso deste movimento, de mostrar as composições que não aparecem nos meios de comunicação de massa:

A proposta política dos movimentos não tem a ver com política partidária, mas é uma política de ocupação, de conscientização, de fazer com que as pessoas entendam a importância de encarar o samba como algo muito importante, de valorizar o representante da velha guarda (...) É uma política de renovação através de novos sambas e sambistas (...) Buscamos separar o joio do trigo pois na década de 90 houve uma onda de pagode e pagodeiros, onde muitos acabaram confundindo samba com pagode, que são duas coisas distintas (...) Pagode pode ser feito com vários gêneros musicais, pois ele é a reunião de

peças para se cantar um gênero musical (...) O sambista faz um pagode quando reúne pessoas para cantar samba (...) Com esta confusão toda, as pessoas colocam o samba e o pagode no mesmo caldeirão, como uma coisa só (Kaçula, entrevista realizada em 18/10/2007).

Do ponto de vista do uso territorial, a relação com o poder público tem sido “tensa”, conforme demonstra o depoimento:

Já tivemos algumas conversas com a subprefeitura e sugeriram a mudança de lugar (...) Até por conta da região da “cracolândia” estar sendo leiloada (...) Já estamos fazendo a revitalização há oito anos através da cultura, da música (...) A valorização também é dada pela cultura, pois trazemos gente de várias idades, de toda região metropolitana (...) Nesta região, que é vista pela sociedade como um ponto crítico de violência em São Paulo, no último sábado do mês a gente transforma a rua num ambiente familiar (...) Houve uma primeira tentativa de retirada, mas vamos bater de frente até onde for (...) Já nos sugeriram mudar para o Anhangabaú ou o Largo do Paissandu, mas não aceitamos porque foi uma grande batalha para construirmos esta história (...) Vamos ver até quando conseguimos resistir (...) Já dissemos que faremos um abaixo-assinado levando para todos os órgãos públicos competentes (...) Temos uma história ali de mais de 8 anos, só na Rua do Samba estamos há 5 anos (Kaçula, entrevista realizada em 18/10/2007).

Em São Paulo, os movimentos de samba Rua do Samba Paulista, Samba da Laje, Samba da Vela, Samba do Cafófo, Samba do Olaria, Samba da Maria Cursi, Comunidade Morro das Pedras, Moleque Travesso, Samba de Fato, Só quem é negreiro, Samba de todos os anos, Samba de São Mateus, Samba Terra Brasileira, Samba do Baú, além de muitas rodas de samba que acontecem na cidade; evidenciam a tônica dominante marcada pelo samba enquanto prática de resistência à mercantilidade da vida e dos modos de existência. A partir destes movimentos, o samba transcende a sua característica musical e passa a impulsionar a criação, o inusitado, o novo; imprescindível na inspiração de novas realidades, de novos cenários frente às dificuldades impostas pelas circunstâncias da vida na grande cidade.

3. O samba pede passagem: Considerações Finais

Nossa participação na qualidade de pesquisador permite absorver plenamente as sensações de renascimento e renovação presentes no “mundo do samba”, que passam a existir de forma inexorável em nós. Motivações provocantes que nos alteram profundamente, além de encorajarem para a continuação desta pesquisa. Em geral, quando se fala do “samba de raiz”, têm-se como referencial um pretensível valor de cunho histórico. A tônica desse referencial é colocada na história geral do samba e na produção realizada pelos “mestres-

compositores”.

Mas, para aqueles sambistas que freqüentam os movimentos de samba, existe uma fundamentação histórica mais bem organizada e baseada em conhecimentos transmitidos pelos próprios parentes ou amigos.

Em nossa opinião, a transformação dos cordões carnavalescos em escolas de samba, assim como as dinâmicas mercantis presentes nas escolas de samba fazem parte de uma renovação que ocorreu e ainda ocorre, a despeito da resistência apresentada principalmente pelos sambistas mais antigos e pelos movimentos de samba. O discurso atribuído pela maioria de nossos entrevistados caminha na direção de que tudo o que é antigo é “bom”. Esta nostalgia do passado desconsidera o movimento dialético intrínseco presente na transformação do samba enquanto manifestação cultural. O samba surgiu como resistência e embora tenha sido incorporado pela dinâmica do carnaval e do mercado fonográfico, ainda resiste e denuncia a mercantilice da vida e dos modos de existência. Podemos pensá-lo como um resíduo (Lefebvre, 1991), um desvio (Certeau, 1994) ou ainda uma contra-racionalidade (Santos, 2002) que busca tornar a vida provida de magia e menos rotineira, mecanizada e administrada⁵.

Muito do que é transmitido pela cultura do samba está no campo da oralidade e não no do letramento (que tende a disciplinar e a criar espaços movidos pela lógica da funcionalidade e da burocracia). Em alguns casos, a oralidade pode funcionar como fonte de desvio, criando resistências aos poderes que instituem e afirmam os territórios do poder, da disciplina, da administração e da burocracia. Todavia, cabe salientar que a cultura do samba não se encontra fora das dinâmicas trazidas pela modernidade e pelas “dinâmicas de mercado”, mas está se recompondo e se reapropriando cotidianamente do moderno, inspirando-se nele e o desafiando. Na medida em que começamos a participar de alguns eventos relacionados ao samba, sensibilizamo-nos para a questão da ajuda mútua e da amizade (embora existam conflitos e contradições). Esta sociabilidade típica do “mundo do samba” é um elemento vivo e dissipador de alegria notadamente entre as camadas populares.

Cabe salientar que uma explosão de novos “insights” se revela no momento atual da pesquisa, principalmente no que tange aos movimentos de samba tratados neste artigo. Estes movimentos de samba perduram, sustentados por uma composição que persevera

apesar do desprezo da mídia e das inevitáveis mudanças no carnaval. De forma ritualística, são encontros que evocam o passado, acomodando-o às circunstâncias do tempo atual e à rede de relações tecidas pelo enredo cotidiano. Os movimentos de samba, assim, ao mesmo tempo em que excitam e celebram articulações no fluxo do dia-a-dia, não são eventos de caráter distintivo daqueles da praxe de todos os dias, uma vez que, neles, algumas características desse cotidiano são evidenciadas por meio das composições tocadas e cantadas nas rodas de samba. Como nos lembra Alfredo Bosi:

A exploração, o uso abusivo que a cultura de massa faz das manifestações populares, não foi ainda capaz de interromper para todo o sempre o dinamismo lento, mas seguro e poderoso da vida arcaico-popular, que se reproduz quase organicamente em micro-escalas, no interior da comunidade, apoiada pela socialização do parentesco, do vicinato e dos grupos religiosos (BOSI, 1992, p. 329).

Acreditamos que os movimentos de samba podem ser identificados como possuidores de elementos distintos e novos na dinâmica do “mundo do samba”, possuindo arranjos sociais específicos saídos da resistência ao samba “mercantilizado” que se faz na maioria das escolas de samba do Grupo Especial. Nesse sentido, muitos deles são movimentos anárquicos em virtude da carência de normas e autoridade; que buscam o resgate de algo que está na memória da comunidade local e diz respeito às antigas rodas de samba; embora estas talvez não acontecessem nos moldes das que agora acontecem. Pelo percebido em nossa pesquisa de campo, esses movimentos de samba produzem relações muito mais locais do que as próprias escolas de samba, principalmente as já cooptadas pela lógica econômica.

Embora não se relacionem diretamente, as escolas de samba são fontes de inspiração para os movimentos de samba, que buscam o resgate dos compositores mais antigos de São Paulo, tidos como guardiões do samba paulista. Em alguns casos, os movimentos e rodas de samba de São Paulo reivindicam em seus discursos o pertencimento a este lugar, e buscam alcançar a identidade paulista. Nesse sentido, se antes as escolas de samba de São Paulo foram inspirados pelo modelo carioca, agora as rodas de samba e movimentos locais estão sendo inspirados pela própria dinâmica urbana de São Paulo.

Talvez seja aí onde o samba demonstre sua maior resistência. A própria idéia de comunidade tem sido restabelecida nestas novas relações entre os sambistas e o samba, e dos próprios sambistas com o carnaval. Dos movimentos de samba que visitamos, nos

pareceu que no Samba da Vela é onde a intenção de culto está mais presente, como se fossem entoadas orações coletivas por meio das composições que ali surgem e são tocadas e cantadas. Enquanto a vela está acesa todos cantam (mas não podem dançar ou conversar). Retira-se de certo modo a espontaneidade intrínseca às manifestações de samba, que adquirem um formato “intelectualizado”.

Em uma de nossas visitas, pudemos participar da continuidade da roda de samba sem a vela, realizada em uma residência no Capão Redondo, com grande interação entre os presentes, que podiam cantar, dançar e tocar à vontade. Este é o formato ainda presente nas rodas de samba de modo geral, que privilegia a interação e a espontaneidade. Salientamos que esta análise crítica do Samba da Vela não retira seus méritos principais, que dentre outros foi o de propiciar que outras comunidades se estimulassem a organizar rodas de samba. Um destes casos é o Samba da Laje, que já acontece há dez anos na Vila Santa Catarina em todo último domingo do mês, na laje da residência da senhora Dona Nerosa, acompanhado da feijoada servida aos participantes na própria laje. Além de organizadora da roda de samba, Dona Nerosa trabalha na Organização Não-Governamental (ONG) Instituto Pés no Futuro, destacando-se como líder em sua comunidade. Interessante observar que a laje nos remete à idéia da modernidade presente nas cidades brasileiras, pois a “técnica do concreto” é uma forte característica presente nos bairros periféricos e na prática comum da autoconstrução. Neste sentido, o samba que acontece na laje mostra a apropriação do ideário moderno; além da coexistência com uma prática ancestral, que é a da roda de samba.

Outro caso interessante é o Samba do Baú, que se realiza sazonalmente na quadra da escola de Samba Nenê da Vila Matilde, uma das mais antigas de São Paulo, e já tem dois anos de existência. Neste caso, um baú é colocado sobre uma mesa e conforme o samba vai fluindo os freqüentadores anotam seu pedido em um papel e a cada 20 minutos um deles é atendido. Além disso, os integrantes da roda contam a história de sambistas famosos, como Cartola, Clara Nunes e Noel Rosa.

Cabe salientar que os movimentos de samba acontecem em sua maioria nas periferias de São Paulo e são formados por jovens que manifestam a riqueza da cultura afro-descendente, entremeada com a população pobre que resiste e luta pela superação das desigualdades sociais causadas pelo plano secundário a que foi relegada. Assim, evidenciam a mesma

resistência das rodas musicais e percussivas das senzalas, onde o povo escravizado cantava tanto a tristeza de sua condição subumana quanto a esperança da conquista da libertação pela resistência cultural.

Como conseqüência, o som de resistência das periferias de São Paulo chegou aos ouvidos de Danilo dos Santos Miranda, diretor regional do SESC Paulo, com o qual foi formalizada parceria para o lançamento do compact disc (cd) “Berço do samba de São Mateus” pelo Selo Sesc, produzido com composições de sambistas do bairro de São Mateus. Este trabalho, como tantos outros, evidencia a luta resignada dos sambistas paulistanos contra a dura realidade a que estão submetidos, assim como alguns de seus desejos mais veementes.

Notas:

¹

Existem várias assertivas sobre a palavra samba. Por exemplo, a partir da definição de Nei Lopes o samba é entendido como o “nome de várias danças populares brasileiras, ou das músicas que acompanham essas danças. A palavra vem do quicongo *samba*: cabriolar, brincar, divertir-se como cabrito; ou do quicongo *samba*: espécie de dança em que um dançarino bate contra o peito do outro, também chamada de umbigada” (LOPES, 1996, p. 229). Para Mário de Andrade (1965) o samba simbolizou primeiramente a dança, para depois se transformar em forma musical. Também foi chamado de batuque, dança de roda, lundu, chula, maxixe, partido alto e batucada, convivendo simultaneamente com os acontecimentos carnavalescos; o que muito influenciou sua configuração e associação direta com o carnaval. Cabe mencionar que estamos denominando movimento de samba as rodas de samba que acontecem em pontos distintos da cidade de São Paulo, quando é factível a apropriação das ruas de bairros, de bares, de alguns espaços públicos ou quadras de escolas de samba.

²

As entrevistas com Penteadado, Kaçula e Tobias foram realizadas pelo autor do presente artigo em diferentes locais da cidade de São Paulo: Penteadado (Escola de Samba Vai-Vai), Kaçula (Estúdio de gravação no Bairro da Lapa) e Tobias (Bairro da Casa Verde). As entrevistas foram apoiadas por um roteiro de questões abertas previamente definidas, o que permitiu deixar os entrevistados a vontade para responderem o que quisessem. Todas elas foram gravadas e transcritas, o que nos permitiu estabelecer algumas regularidades no discurso destes sambistas. A todos os entrevistados foi solicitada a permissão para utilização de seus nomes nesse artigo.

³

A designação “mundo do samba” visa englobar as atividades que têm o samba como o elemento central, dentre elas aquelas que acontecem nas escolas de samba, rodas de samba, bares, casas noturnas especializadas, projetos e movimentos de samba.

⁴

Entrevista concedida a Carlos Calado e publicada em 10/02/2001 no Jornal Folha de São Paulo.

⁵

O desenvolvimento e a concatenação das idéias destes três autores serão apresentados na versão final da tese de doutorado em andamento.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, M. de. *Aspectos da música brasileira*. São Paulo: Martins Editora, 1965.

BOSI, A. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

CERTEAU, M. de; GIARD, L.; MAYOL, PA *invenção do cotidiano: Morar e cozinhar*.

Vol. 2, Petrópolis: Vozes, 1994.

DA MATTA, R. *Carnavais, malandros e heróis*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

LEFEBVRE, H. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ática, 1991.

LOPES, N. *Dicionário Banto do Brasil*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1996.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2005.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 2002.

Documentário:

MELLO, G.; CAMARGO, Y.; FREIRE, L. *Samba à Paulista: Fragmentos de uma história esquecida*. (Filme-Vídeo). São Paulo, Fundação Padre Anchieta e Pró-Reitoria de Cultura e Extensão da Universidade de São Paulo, 2007, 3 partes.

Jornal:

FOLHA DE SÃO PAULO. Caderno Cidades. São Paulo, pg. 12, 10/02/2001.